

Os Compositores

20/06/99

Das 265 cantatas que Bach escreveu depois do seu retorno à Leipsig, ao longo de 27 anos de atividade, vamos escolher a fascinante cantata número 32 “Liebster Jesu mein Verlangen”. Mas primeiro recapitulamos as noções fundamentais em torno da estrutura da cantata.

A cantata é uma composição dramática dividida em coros e árias solísticas, começando normalmente com um coral luterano do qual é auferido o material temático dos



números seguintes, o que não se dá na presente cantata de estrutura mais livre, em que o coral luterano livremente tratado aparece no último coro "Mein Gott, öffne mir die Pforten(Meus Deus abre-me as portas).

A interpretação das cantatas não é fácil, porque, além de serem muito escassas as indicações dinâmicas, agógicas e expressivas da música, Bach escrevia as cantatas para executá-las diretamente sob a sua direção e não sentia portanto a necessidade de ulteriores indicações para o kapelmeister e os executantes.

As longas e profundamente expressivas frases do solo de oboé no

começo, os constantes grupos suplicantes de duas semicolcheias combinadas, a hesitante e ritmicamente sincopada linha grave, tudo indica perturbação, dor, indecisão, preocupação e angústia. É a alma na voz do soprano, que canta aqui. O texto logo explica isto. Lamentando a alma ter sido abandonada pelo Senhor invocando o seu retorno. O recitativo e ária seguintes, para o baixo, estabelecem o diálogo favorito de Bach, o diálogo entre o inquiridor e o instrutor, em termos de doutrina litúrgica consagrada. O recitativo e dueto que seguem, para soprano e baixo, pintam a alma encontrando o soprano

resposta para suas aflições. Uma última advertência do baixo (“Sim, poderás ser feliz se coração e alma se apresentarem em sacrifício a mim”) e uma resposta afirmativa do soprano levam a um movimento final, vivace, da maior alegria e júbilo - termos estes empregados aqui conscientemente, pois apesar da rigidez dos preceitos religiosos de Bach, a mentalidade daquela época no tocante à música sacra admitia qualquer espécie de expressão que desse vazão às sagradas emoções em causa, alegres ou não.

Vamos ouvir então a cantata número 32 de J. S. Bach com o Conjunto Barroco de Londres regido

pôr Karl Hass. As vozes são do soprano Dorothy Bond e do barítono Robert Irwing.

Música "Cantata n. 32"

Disco: 01 Lado : A (20m)

Voltando aos Retratos Musicais hoje finalmente nos despedimos da Espanha, sem dúvida o país mais rico de retratos musicais relacionados com imagens panorâmicas ou impressões de uma específica natureza mediterrânea; e nos despedimos ainda com a presença de Manuel De Falla e do seu concerto para piano e orquestra "Noches en los jardines de Espanha".

Na verdade essa composição é um concerto até certo ponto sob o ângulo visual da estrutura e da relação do solista com a orquestra; mas talvez poderia ser definido como rapsódia ou poema sinfônico com piano obrigato. De Falla compôs "As Noites" em Paris, onde entrou em contato direto com o impressionismo, estabelecendo relações de amizade com Debussy, Ravel, Chausson e outro impressionistas.

A obra foi estreada em 1921 em Londres com o próprio De Falla no piano. Ela é dividida em três partes que muito pouca relação tem com os três andamentos tradicionais do concerto, mas que possuem um

extraordinário poder evocativo daquela atmosfera sensual da Andaluzia com seus históricos encontros de cristianismo, judaísmo e islamismo.

A primeira peça evoca o jardim do Generalife, contíguo a Alhambra de Granada empregando inclusive timbres velados e sensuais tais como o da viola.

A segunda peça "Danza Lejana" nos introduz numa atmosfera festiva, rica de ritmos característicos com o surpreendente efeito de dança que começa ao longe e gradativamente se aproxima quase numa ebriedade sonora da orquestra, algo que me faz pensar ter-se De

Falla vagamente inspirado no 2º dos três noturnos para orquestra de Debussy.

Finalmente a terceira peça, ou poderíamos dizer o terceiro quadro nos leva para a Serra de Córdoba, com fortes evocações dos elementos gitanos da Andaluzia e com a implícita evocação daquela maravilhosa terra em que, única vez no mundo, filósofos cristãos judeus e muçulmanos podiam-se reunir, talvez na própria casa de Maimonides, para debater.

É interessante notar como a escrita pianística lembre frequentemente, em todas as três peças, sonoridades e efeitos da

guitarra, instrumento indissoluvelmente ligado à musicalidade andaluza.

Vamos ouvir então As Noites nos Jardins de Espanha de Manuel De Falla com a Orquestra Sinfônica de Nova York regida pōr Dimitri Mitropulos sendo solista o pianista francês Robert Casadesus.

Música “Noites nos Jardins de Espanha”

Disco: 02 Lado: A (20m)